

“O VELHO QUE LIA ROMANCE DE AMOR”: O LEITOR QUE SE ESFORÇA PELO PRAZER ESTÉTICO

Carlos Wiennery da Rocha Moraes (UFT)
carloswmr@hotmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo mostrar o modo como se dá a leitura prenante de um personagem-leitor na busca pelo prazer estético-literário, tendo como recorte analítico o romance “O velho que lia romance de amor”, de Luis Sepúlveda (2017). Como fundamentação teórica, mobilizamos o letramento literário e a semiótica discursiva de Greimas (2002) que lança as bases de uma leitura literária em que o leitor deve se esforçar para que a experiência estética aconteça não apenas de forma acidental mas sempre que o sensível é convocado na interação prenante entre sujeito e objeto (LANDOWSKI, 2005). No final reiteramos que a forma como a literatura é mobilizada no âmbito escolar precisa promover uma experiência humanizadora, por sua vez, sentida e vivida em ato.

Palavras-chave:

Literatura. Experiência humanizadora. “O velho que lia romance de amor”.

ABSTRACT

This study aims to show the way in which the pregnant reading of a character – reader takes place in the search for an esthetic-literary pleasure, having as analytical focus the novel “The old man who read love novel” by Luis Sepúlveda (2017). As a theoretical foundation, we mobilize the literary literacy and discursive semiotics of Greimas (2002) which lays the foundations for a literary reading in which the reader must strive so that the a esthetic experience happens not only accidentally but whenever the sensitive is summoned in the pregnant interaction between subject and object (LANDOWSKI, 2005). In the end, we reiterate that the way literature is mobilized in the school context needs to promote a humanizing experience, in turn, felt and lived in action.

Keywords:

Literature. Humanizing experience. “The old man Who read love romance”.

1. Introdução

Existem várias obras literárias que abordam a importância do leitor inscrito no próprio texto. Segundo Melo (2015), “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes; o conto “a igreja e o diabo” de Machado de Assis; “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert; “Frankenstein”, de Mary Shelley são alguns exemplos. Essas obras contribuem para entendermos como é possível a formação do leitor literário a partir da atuação de

personagens que nelas aparecem como leitores. Para Melo (2015, p. s/n) “esses sujeitos-leitores educam os leitores empíricos a partir de suas experiências de leitura, de suas percepções e modos de ler o texto literário, bem como acabam direcionando as escolhas do que ler e do por que ler”.

Nesse estudo, o objetivo é mostrar o modo como se dá a leitura prenha de um personagem-leitor na busca pelo prazer estético-literário. Trata-se do romance “O velho que lia romance de amor”, uma obra literária que tem um personagem-leitor inscrito no texto e que ama literatura que tematiza o amor. O velho, Antonio Bolivar, vai de encontro ao perfil de leitor da segunda parte da obra greimasiana “Da imperfeição” intitulada “Escapatórias”. Essa parte sinaliza que o sujeito deve esforçar-se para interpretar o sentido da literatura. Bolivar questiona o que lê e saboreia as palavras. Ele ama a estética literária materializada na escrita. Ele não busca conhecimento gramatical, mas ele sente o sabor da literatura através da relação que o enredo faz com o vivido por ele. O velho movido por essa intimidade com literatura que o leva a interpretar a obra literária e chegar a fruição do texto. Esse percurso elucidado por este romance nos instiga a questionar: como a experiência literária enreda a experiência humanizadora, por sua vez, sentida e vivida em ato?

Esse questionamento surgiu em função de várias particularidades: a primeira transita pela dificuldade em promover, no curso de Letras, o interesse, por parte do alunado, pela literatura. Visto que grande parte deste público recorre ao texto literário para atender as condições impostas pela disciplina escolar. Ou seja, muitos atores desse curso são “marcados por exigências avaliativas, institucionais, havendo um apagamento de funções sociais de uso e funcionamento dos textos” (FISCHER, 2008, p.187). Tal fato impossibilita ao alunado experienciar o sentido e a estética literária. A segunda refere-se pelas discussões fomentadas por Cosson (2018) ao alertar que o incentivo à leitura deve ser direcionada por uma leitura responsiva e como prática interpretativa (texto, contexto, intertexto), ou seja, pelas vias do letramento literário entendido como

Uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, [...], mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23)

Essa perspectiva revela que as ações suscitadas pelo professor, ao

propor a leitura de uma obra literária, não devem ser impositivas e autoritárias, mas perpassar por uma prática literária singular capaz de impulsionar ao alunado uma leitura pautada de sentido diante da experiência pregnante do sujeito com a obra literária.

A obra “O velho que lia romance de amor” traz a baila um personagem apaixonado pela literatura e que se esforça para entender os sentidos que ela produz. Trata-se de um leitor empírico que a escola precisa cativar. Mas para isso é preciso o contato direto do sujeito com a literatura. Desse modo, nas páginas que se seguem, procuramos mostrar que a experiência leitora vivida, em ato, pelo velho Antonio Bolívar servem para mostrar que literatura é um deleite que exige esforço por parte do leitor e o professor precisa instigar o aluno a ler por prazer e não por imposição.

2. *O ato de ler enquanto experiência estética e humanizadora*

Certo é que o texto literário pode desencadear rupturas na regularidade mesma do cotidiano. Nossas reflexões têm emergênciam o ato de ler. Havia no velho que lia romances de amor um leitor apaixonado, mas ainda oculto por sua própria ignorância, até o personagem ser impelido à condição de leitor. Foi em razão de eleições presidenciais em El Idilio que ele fez “a descoberta mais importante de toda a sua vida” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 27). Ao ser questionado se sabia ler, simplesmente respondeu:

– Não me lembro.

– Vamos a ver. Que diz aqui?

Desconfiado, aproximou a cara do papel que lhe estendiam e assombrou-se por ser capaz de decifrar os sinais escuros.

– O se-nhor-senhor-can-di-da-to-candidato. [...] (SEPÚLVEDA, 2017, p. 27).

Em primeiro lugar, relembramos que para a fenomenologia, fenômeno é “aquilo que aparece”. A escrita no papel de votação foi o primeiro (objeto) que apareceu para (sujeito) Bolívar. Trata-se de um momento muito importante porque é a partir dele que Bolívar descobriu que sabia ler. Isso mesmo, o velho sabia ler. E isso lhe causou assombro. Entre as acepções da palavra assombro, os dicionários recepcionam “maravilha”. Acreditamos ser essa a que melhor traduz o estado de alma pelo qual Antonio José Bolívar fora acometido. E há, nesse sentido, uma ruptura na regularidade de suas emoções ou, como bem distingue

Greimas (2002, p. 26), “uma fratura entre a dimensão da cotidianidade”, representado uma passagem a um novo “estado de coisas”. Daí Bolívar maravilhar-se, sentir-se possuído por um êxtase indizível, perceber-se em “um momento de inocência”.

Segundo Greimas (2002), há duas formas de apreender o sensível: A primeira forma seria aquela que relaciona a vivência como algo maravilhoso/inesperado, que arrebatava o sujeito poeticamente ao experimentar o diferente, promovendo assim a estesia súbita/efêmera entre sujeito e objetivo. Mas, essa relação entre sujeito e objeto, segundo o autor, ocorre de forma fragmentada e momentânea, voltando rapidamente para a rotina anterior. Essa vivência estética enredada por um acontecimento repentino, ele a chama de fratura. A segunda, intitulada como escapatórias, não ocorre de forma fragmentada, dicotômica, mas como algo construído e alicerçado entre o sensível e o inteligível, ou seja, não se restringe ao sentido, mas agrega a este o fazer sentido, envolve a construção e o desenvolvimento da inteligência (compreender e entender) do sentido (GREIMAS, 2002). Em ambas, as formas de apreender o sensível – fraturas e escapatórias –, a relação entre sujeito e objeto deve necessariamente ser mediada, porque é a partir da mediação que se direciona o olhar estético, que se instiga novas possibilidades de sentido e se estabelece formas de como a apreensão do sentido se constitui (ASSIS NETO, 2017 *apud* MORAES, 2020).

Assis Neto (2017) esclarece que a apreensão estética se instaura quando o sujeito tem por habitual uma relação com fatos, ações e estados que se definem por uma certa regularidade, continuidade, ou seja, vivência um cotidiano dessemantizado. Porque marcada pela repetição, a cotidianidade é caracterizada pelo esperado, pela ausência de grandes significações. A fratura dessa monotonia, desse estado de saturação dos sentidos, representa a desestabilização do sujeito, sua transcendência a uma experiência que é externa à realidade concreta.

A suspensão do tempo e a petrificação do espaço (GREIMAS, 2002) são marcadas, no caso sob análise, por “assombrou-se”, responsável por colocar em grifo o imprevisível, o inesperado, por isso criando “uma ruptura na vida representada”. Os “sinais escuros”, organizados em pares sonoros, depois de enunciados são retomados de forma justaposta, trazendo com eles não a sintaxe da palavra escrita, mas a semantização de um *poder fazer* pelo enunciador. Naquele instante, ao enunciar “o senhor candidato”, Bolívar enunciava a sua realidade em perfeição. Mas esse evento estético não seria extraordinário se

inscrevesse no discurso da cotidianidade, se tornado parte da regularidade, por isso seguido, conforme Greimas (2002, p. 26-27), por um desaparecimento progressivo:

[...] a impossibilidade de dizer diretamente o que se passou, de se dizer enquanto sujeito, o obriga a se debruçar sobre o objeto, separando-se dele depois. Assim, o sujeito é somente sugerido mediante suas manifestações externas: um comentário pensado e nostálgico sucede aquela experiência, uma tensa espera a procede.

O assombro, concretização da estesia – junção do sujeito e do objeto –, coloca o sujeito leitor em um breve instante de fusão com o mundo ou, como diria Greimas (2002), em interação com a “outra ilha”. O que se tem depois, e por isso, é o progressivo distanciamento entre sujeito e objeto, “a quebra da isotopia estética e o retorno à realidade” (GREIMAS, 2002, p. 38). Bolívar é, então, devolvido ao seu cotidiano dessemantizado, de significações previsíveis. Sobrevém-lhe o que o autor denomina *nostalgia*, da qual resulta o desejo de experimentar outros eventos extraordinários.

Encontrando-se em disjunção com o objeto estético, o sujeito deseja novas interações que o desviem do ordinário, “do vivido na linha do cotidiano” (ASSIS NETO, 2017, p. 192). A essa espera do inesperado Greimas (2012) denomina “escapatória”.

A nostalgia, agravada pela incerteza do por vir, faz com que Bolívar amaldiçoe sua condição de “leitor inútil”. “Sabia ler. Mas não tinha que ler” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 27). A maior descoberta de sua vida torna-se, por isso, uma grande angústia. E ele, que tinha a selva como liberdade, agora experienciava a solidão.

De um modo ou de outro, “tinha que se habituar à leitura” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 29). Imaginou ele, então, que a leitura de jornais cedidos a contragosto por Babosa, administrador da circunscrição, pudesse irromper com a “sintaxe das vivências habituais”, oportunizando-lhe “uma relação com o texto marcada pela estesia” (ASSIS NETO, 2017, p. 192). Mas as palavras ali distribuídas, ao serem justapostas, não convergiam essa interação, dado que os assuntos pouco ou em nada lhe interessavam. Ademais, tudo aquilo acontecia “num mundo longínquo, sem referências que o tornassem compreensível e sem estímulos que o tornassem imaginável” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 28).

Haja vista a ausência de elementos que pudessem instalar evento estético, o velho que lia romances de amor recusa-se a ser, para aquele

gênero, o leitor-modelo, o qual, conforme definição de Eco (1994, p. 15), constitui “uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar”. Ao contrário, Bolívar porta-se como o leitor empírico.

Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como deve ler, porque em geral utilizam o texto como receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto (ECO, 1994, p. 14)

Por assim ser, podemos dizer, a partir de Melo (2015, p. 171), que o leitor “tem o poder de dizer não ao texto, de não ser seduzido por ele”. A recusa do texto não minora a nostalgia, e imagina ele que ausência dos sentidos pretendidos pode ser suprida na e a partir da leitura de romances de amor, mas não de qualquer amor, mas daquele “amor que dói”.

“Do amor sabia o que era referido nas canções”, de modo particular por meio dos pasillos cantados por Julito Jaramillo, que uma vez ou outra saíam de um rádio de pilha para arrebatar os homens a um estado de descontentamento. Esse efeito de sentido tem sua razão de ser, e aqui utilizamos palavras de Tatit (2002), no fato de que o sujeito que cantase aproxima, por meio das emoções, do sujeito que ouve, daí resultando ser a dor do “eu” também a dor do “outro”. E já não importa o que é dito, mas a maneira de dizer; se dito de modo melódico, não raro torna-se grandioso.

Para o autor, “cantar é uma gestualidade oral, ao mesmo tempo contínua, articulada, tensa e natural, que exige um permanente equilíbrio entre os elementos melódicos, linguísticos, os parâmetros musicais e a entoação coloquial” (TATIT, 2002, p. 9). Quando devidamente articulados, esses elementos são capazes de mobilizar, melodicamente, a confiança do ouvinte, por isso conduzido pelo artista à sua realidade. Daí a cumplicidade necessária à produção do efeito estético.

No processo de encantamento pela canção, “a melodia entoativa é o tesouro óbvio e secreto do cancionista” (TATIT, 2002, p. 11). Mas havia outros tesouros, formas outras de falar dessa dor à qual todos buscam. E iria Bolívar escavá-lo em outro terreno, não mais no da palavra falada, mas no da palavra escrita. Desejava, no folhear do romance, “divagar acerca dos mistérios do amor e a imaginar os lugares onde aconteciam as histórias” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 33). Estava ele certo ao supor que o livro pudesse promover a apreensão do estético como um acontecimento. No aconchego de sua choça, ladeado pela chuva, ele pega um de seus romances. O início da leitura sinaliza tratar-

se de uma boa história.

Paul beijou-a ardorosamente enquanto o gondoleiro, cúmplice das aventuras do amigo, fingia olhar noutra direcção e a gôndola, equipada com macios coxins, deslizava tranquilamente pelos canais venezianos (SEPÚLVEDA, 2017, p. 37)

Depois de ler a passagem várias vezes em voz alta, fez um esforço imaginativo para compreender a que se referia a palavra gôndola, do que resultou associá-la, dado deslizar por sobre os canais, a botes ou canoas. Entretanto, outra palavra, “ardorosamente”, deixa-o em inquietação. Como diabo seria beijar ardorosamente? Esse questionamento acaba por estabelecer uma mudança de isotopia, que ocorre entre o hoje, o “em constatação”, e o ontem, o experienciado.

Bolívar é lançado abruptamente às poucas vezes em que beijou, “porque a mulher, ou respondia com ataques de riso, ou fazia notar que podia ser pecado” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 37). O tempo, agora suspenso, é tão somente um contínuo em que realidade e ficção põem em junção sujeito e objeto. E a carga semântica inscrita naquele quantificador – ardorosamente – faz o sujeito questionar a sua própria realidade, conduzindo-o ao entendimento de que poucas foram as vezes em que beijara ardorosamente. Desfeita a isotopia estética, resta-lhe uma incômoda “incapacidade de imaginar Veneza com as características atribuídas a outras cidades também descobertas nos romances” (SEPÚLVEDA, 2017, p. 37).

A leitura literária advertem os estudiosos Ranke e Magalhães (2011), comporta uma forma particular de construção e de apropriação de sentidos. Por ser assim, “o texto literário pode ser deflagrador de entendimento, indagação, reflexão, construção e desconstrução de sentidos, exigindo atuações específicas por parte do leitor na sua apropriação” (RANKE; MAGALHÃES, 2011, p. 47). Nesse contexto, a fruição literária, enquanto manifestação da experiência estética literária, pode significar não apenas um encontro do homem com a arte, mas de igual modo consigo mesmo.

Isso posto, o texto literário era, para o velho que lia romances de amor, a bússola em sua busca pela “outra ilha”, pela ressemantização do seu cotidiano. No percurso em que avançava em direcção ao inesperado, movido pela nostalgia, encontrava não somente palavras que lhe falavam de forma apaixonada sobre o amor, visto que os romances o faziam “esquecer a barbárie humana”. Significa dizer, o que fazemos retornando a Ranke e Magalhães (2011), que a literatura possibilitava, de um lado, a

experiência estética; de outro, uma experiência humana e humanizadora.

Por fim, Antonio Bolivar descobriu que sabia ler. Trata-se de um contato imediato do personagem-leitor com a estética literária. Uma experiência que aciona memórias vividas pelo velho no ato de ler na medida que ele co-relaciona sua experiência de vida com a dos personagens literários. Ele descobriu que a leitura literária era um antídoto que “combatia a sua velhice”, porque o fazia emocionar-se diante da engenhosidade estética. A relação Antonio Bolivar e os romances de amor são uma prova do quanto à relação sujeito e objeto literário faz emergir os sentidos que o leitor, embora, muitas vezes não tenha vivido, na vida real, ele pode aprender com a experiência vivida pelos personagens literários. Antonio Bolivar que é um leitor fictício aprende com a literatura e ensina ao leitor real (empírico) o modo como se chega a fruição, no ato de ler uma obra literária.

3. Conclusão

O estudo mostrou como o ato de ler e fruir o texto requer esforço. E que a leitura suscita a experiência estética que é humanizadora. Nessa direção, sinalizou possíveis caminhos para o professor pensar o modo como promover tal experiência literária, em ato, do sujeito-aluno com o objeto-obra literária.

Evidenciou como a leitura prenhe de um personagem-leitor, no esforço pelo prazer estético-literário acontece e ainda enalteceu a necessidade de dar sentido à literatura em sala de aula. Mas, para isso faz-se necessário articular práticas educativas capazes de suscitar no alunado sensibilidade, inspiração, criatividade no ato de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS NETO, Francisco de. *Interações e (trans)formações: práticas de letramento literário sob a perspectiva semiótica*. 2017. 252f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína: [s.n.], 2017.

ASSIS, Machado de. *Volume de contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote da Mancha*.

São Paulo: Abril, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. Nós que ensinamos literatura. In: NAVAS, Diana; CARDOSO, Elizabeth. *Literatura e ensino: territórios em diálogos*. São Paulo: EDUC, 2018. p. 39-52

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2012.

FISCHER, Adriana. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. *Acta Sci. Lang. Cult.*, Maringá, v. 30, n. 2, p. 177-87, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Edit., 2002.

LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. *Revista Educação e Realidade*. 2005.

MELO, Márcio Araújo de. Entre livros, leitores e realidade. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 28, 161-76, dez. 2015.

MORAES, Carlos Wiennery da Rocha. *Interações no ensino–aprendizagem de literatura em Ead: análise semiótica de discursos e práticas*. Tese de Doutorado. UFT. Mimeo.

RANKE, Maria da Conceição de Jesus; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Breves considerações sobre fruição literária na escola. *Entreletras*, v. 2, n. 3, p. 47-61, 2011.

SEPÚLVEDA, Luis. *O Velho que lia romances de amor*. 11. ed. Lisboa: Porto, 2017.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. São Paulo: L & PM, 1997.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções de Brasil*. 2. ed. São Paulo: USP, 2002.